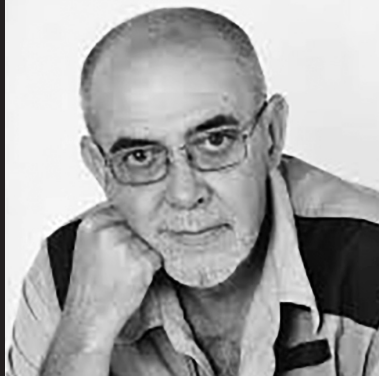


LUÍS CARLOS PATRAQUIM



(Maputo, 1953) é guionista, dramaturgo, jornalista e poeta. Neste domínio, estreou-se com o livro **Monção** (1980). Refugiado na Suécia em 1973, retornou a Moçambique dois anos depois desenvolvendo diversos trabalhos para cinema e teatro. Foi membro do núcleo fundador da Agência de Informação de Moçambique e do Instituto Nacional de Cinema, trabalhando como redactor do jornal cinematográfico **Kuxa Kane-ma**. Fixou-se em Portugal no ano de 1986, tendo por aqui vindo a publicar ficção, teatro, poesia e crónica. Foi consultor para a Lusofonia do programa **Acontece** e comentador na RDP-África. Entre os seus livros de poesia destacamos **Pneuma** (Caminho, 2009) e **O Escuro Anterior** (Companhia das Ilhas, 2013). Foi Prémio Nacional de Poesia (Moçambique) em 1995.

A ELEGÂNCIA DAS CINZAS

Nada que o sabonete resolva ou outras libações
Coreográficas e muito nua
Mesmo se em Ilha,
Seus relevos, a água, o sedoso matagal,
Ou coroada de limos;

Verde pendular movimento de que extática monção
Se a elegância das cinzas apõe
Sobre as casas a rasa gravidade do voo
E nenhuma asa?

In **Pneuma**, Caminho, Janeiro de 2009, p. 38.

DIGA 33
POESIA NO TEATRO
às terças **terças-feiras** de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

8

CARTA IN FABULA [fragmento]

País de poetas, pois. A 21 de Março. Confirmando o que sempre ouvi dele. País de fábula e de fronteira, nesse dia anunciando a *Primavera Autónoma das Estradas*. Que é agora onde se nasce. Ou em Espanha, Badajoz à vista.

Tenho para mim, excelsa senhora, que as duas crianças paridas em plena auto-estrada, algures para os lados da Figueira da Foz, só podem vir a ser poetas. Anda o edil preocupado com a pressa que os cidadãos têm em nascer, desatentos à maternidade que fechou. E quem assim se comporta e julga que vem para a vida do que é que está à espera? Poeta, claro! E com várias datas por festejar: o 1 e o 8 de Dezembro, o 25 de Abril, o dia dos seus anos e sempre, sempre, o 21 de Março.

In **Manual Para Incendiários e Outras Crónicas**,
Antígona, Outubro de 2012, pp. 162-163.

[O OLHO]

O olho
intrusivo

o que vês na paisagem
se houvesse

e
dizes a palavra
muda

há uma savana anjo
que te redime

ela
pietá
a invisível árvore

e tu
filho de nada
no seu colo

In **O Escuro Anterior**, Companhia das Ilhas, Abril de 2013, p. 9.



PEDRO EIRAS



(Porto, 1975) é professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e membro da rede internacional de pesquisa Lyra-Compoetics. Publicou teatro, ficção e ensaio. Neste domínio, destacamos ***A Lenta Volúpia de Cair. Ensaio sobre poesia*** (Quasi Edições, Março de 2007). Prémio PEN Clube Português de Ensaio em 2006, com ***Esquecer Fausto***, tem peças de teatro traduzidas, publicadas e encenadas em diversos países. Traduziu livros de Jean-Luc Nancy, Pascal Quignard, Victor Hugo e, mais recentemente, Antonin Artaud.

O QUE É A POESIA? [fragmento]

Queria que fosse um gesto perverso, este, agora, de vos convidar para a pergunta: «o que é a poesia?». Pois não pretendo responder ao que pergunto. Diz-se, então, que se trata de uma pergunta retórica, pergunta que não espera resposta, que não se destina a comunicar ou a indagar um segredo. Uma pergunta que não pergunta — como dar um nome a isso? Perversidade? Pergunta impura? Ou deveríamos antes desviar a cara de um caminho demasiado estreito, entre interrogação e completude, para observar a paisagem silenciosa? Mas esse é já o lugar da impureza: sairmos do trilho aberto, do caminho que não leva a lado nenhum, e arranharmo-nos em silvas e escarpas.

Perdi-me.



Volto à minha questão:

Quando pergunto, quando vos pergunto, «o que é a poesia?», mesmo que não espere resposta, falando convosco sem esperar uma resposta vossa, incorro pelo menos em algumas perversidades necessárias, tácitas e táticas. Por exemplo, abro um caminho, digamos científico, o da definição, e arrisco-me imediatamente a sair do trilho por desvios imprevisíveis; ou então: endereço-me a vós sem saber se a pergunta abre espaço para a resposta. Pois isto pelo menos é certo: até na pergunta retórica há endereçamento. É uma carta sem remetente, o destinatário não pode responder, mas abre o envelope e recebe a pergunta. Eu gostava que este ensaio envolvesse a pergunta de modo a que ela, chegando impura às vossas mãos, se desfizesse em pó.

Voltei a perder-me, peço desculpa.

Endereço-vos a desculpa.

In *A Lenta Volúpia de Cair*, Quasi Edições, Março de 2007, pp. 13-14.

Não pense que enlouqueci, querido Sá-Carneiro, a não ser que você chame loucura a nós existirmos como porta por onde entram na existência seres mais reais do que nós, para nos indicarem o caminho que desconhecemos. Na verdade, há muito tempo pondero estabelecer-me em Lisboa como astrólogo. Eu receio um pouco pôr os horóscopos ao serviço do comércio, vendendo aquilo que só deve ser ganho com estudo — mas a necessidade material é pesada, e o surgimento de Raphael Baldaya parece-me um sinal. Que pensa você?

Assalta-me também a ideia de Baldaya ser a resposta, em mim, a quanto li nos teosofistas e me perturbou; reajo, pois, a essa influência, não pela via pagã de Caeiro (meu Mestre de todas as horas lúcidas), mas pela higiene de uma superior linguagem oculta, que nem os teosofistas podem seguir. Dá-se em mim a luta desses livros lidos e livros a haver, dos textos que escrevo para me purificar dos textos que li. Escrever é, pois, corrigir e esquecer, por um fingimento verdadeiro, a verdade falsa.

In *Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro*, Assírio & Alvim, Abril de 2016, p. 107.

Próxima sessão:

**15
OUT**

AMADEU BAPTISTA



**TEATRO DA
RAINHA**